

“Claro.”

“E tem mais uma coisa, um pouco difícil. Não sei se você pode me ajudar neste caso, a grana é boa.”

“O que o senhor precisar”.

Numa cidade turística tudo tem preço, informação, prazer, sossego, vingança. E Renê sabia disso, e estava fora dos esquemas mais pesados, pois tinha medo, sobretudo da cadeia. Ariel era o recepcionista que mais fazia dinheiro no hotel, com todos os tipos de negócios. Mas o que vinha se mostrando o mais lucrativo era o ramo da fotografia: tinha um amigo que era técnico de informática, e copiava e imprimia fotos de crianças que pegava do HD de seus clientes. Ele vendia para Ariel, que por fim repassava para clientes do país todo e do exterior. A imagem do desejo. O desejo pela imagem. A cidade de Balneário Camboriú, um aglomerado de prédios em menos de cinquenta quilômetros quadrados, recebia mais de um milhão de turistas por ano na alta e média temporada, e era um dos principais destinos turísticos de Santa Catarina, para sua sorte e desgraça. Era também uma cidade de recomeços, muitas pessoas vinham para a cidade sepultar o passado, como Renê, como Copi.

Ele estava limpando as teclas do computador quando ela chegou e tamborilou as unhas no balcão da recepção.

“Meu nome é Copi, este é meu book.”

Entregou um livreto impresso numa gráfica rápida, duas páginas A4 dobradas com fotografias em preto e branco. Ela era bonita, estatura baixa, cabelos lisos e compridos, olhos escuros, magra, e usava um vestido prata, justo. Era argentina, na certa, em uma frase você já reconhecia, e muito direta. Deve ter tirado aquela noite para espalhar seu book, e não queria perder tempo.

“Vinte por cento de comissão, meu telefone está no verso.”

Virou as costas e foi embora.

Renê estava acostumado a receber material promocional de acompanhantes, e a recepção tinha uma caixa cheia, com ampla variedade: mulata, loira, japonesa, chinesa, ruiva, negra, duplas, homens, anões.

Quando folheou o material, viu que a bela moça tinha aquilo que seus amigos de recepção sempre chamavam de “palmito na salada”, ou seja, um pau. Não deu importância, “mais um traveco”, pensou, e colocou o book lá no fundo da caixa.

J.

Os verdadeiros donos das cidades turísticas: os recepcionistas de hotéis. Nada escapa ao controle deles. Eles sabem exatamente o que você vai fazer, conhecem seu tipo, sabem o quanto você é idiota, que tipo de turismo você veio fazer, pois todo turismo tem um fim, e eles são o meio. "A máquina da sauna deve ser ligada às duas; a partir das três vocês podem frequentá-la. A academia, das oito às doze e das duas às vinte. A sala de jogos funciona vinte e quatro horas, as fichinhas custam um real para jogos eletrônicos e um e cinquenta para sinuca e pebolim. A piscina somente até as vinte e uma horas, senão ninguém dorme; à meia-noite limpamos o filtro, fazemos a retroação e enchemos de cloro. Os cinzeiros devem sempre estar limpos no hall de entrada." O que sobrar nos quartos dos hóspedes é das camareiras, o que ficar nas salas e áreas de lazer é dos recepcionistas. Seja amigo dos seguranças do hotel, deixe-os dormir em serviço e comer umas camareiras, esse é o caminho, esse é o caminho.

Você sempre trabalha sábados, domingos, feriados, Natal, Ano-Novo e seus pagamentos são mensais. Os taxistas sempre no dia primeiro. Três reais por táxi chamado. As putas dão dez por cento do valor do programa, ou pagam em boquetes e rapidinhas; os travestis, vinte por cento, e a michezada, quinze. Os traficantes pagam na hora, em mercadoria ou dinheiro. Os guias turísticos e os vendedores de pacotes são seus melhores amigos. Você lhes dá as informações: Flechabus. 40 pax. De Córdoba. Sete dias. Comissões. Comissões. Você respira, comissões, comissões.

Vocês vêm de excursão da Argentina? Paraguai? Chile? Uruguai? Ah, você tem de ter o álbum de fotos da cidade, a filmagem de sua visita ao Beto Carrero World, você tem de ir nas boates para turistas, nas lojas indicadas, nos restaurantes, comissões, comissões... Você precisa, você precisa.

K.

Copi. Travesti magra, bonita, bem-vestida e inteligente.
Nível universitário. Ativa e passiva: não decepçiona, prazer
além da carne. Atendo com local próprio e sem portaria.

L.

E Renê notou que Copi passava todos os dias na frente
do hotel, perto da meia-noite. Sempre fora assim e só
agora percebera, ou ela queria ser vista? Um dia ela entrou,
e foi direta, com o dedo em riste:

“Você nunca me chamou.”

Renê teve vontade de dar um soco bem no meio do
narizinho arrebitado da boneca (já fizera isso uma vez,
numa traveca folgada e bêbada que não queria pagar a
hospedagem, mas a encrenca foi tão grande que quase
todos foram para a delegacia, inclusive seu Afonso), mas
segurou o ímpeto e tentou ser polido.